



HERMENÊUTICA COLABORATIVA NA PESQUISA FENOMENOLÓGICA INTERVENTIVA COM UNIVERSITÁRIOS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO

Collaborative hermeneutics in phenomenological-intervention research on college students in psychic suffering

Hermenéutica Colaborativa en la investigación fenomenológica intervencionista con universitarios en sufrimiento psíquico

Resumo: O presente artigo exemplifica o uso do método da Hermenêutica Colaborativa através de uma pesquisa que objetivou descrever processos envolvidos em grupos interventivos com universitários em sofrimento psíquico, pretendendo compreender suas experiências ao participarem desses grupos; apontar atravessamentos envolvidos nos processos; e identificar possíveis alcances na (trans)formação em modos de subjetivação dos universitários. Dois grupos foram facilitados durante oito encontros cada, ocorreram em um serviço escola, foram conduzidos por duas estudantes de Psicologia, que eram supervisionadas semanalmente. O instrumento de coleta foi a Versão de Sentido. Os resultados, analisados em uma perspectiva fenomenológica hermenêutica, apontaram como Unidades de Sentido: sentimento de surpresa diante de problemas e dificuldades em comum; reflexão sobre o passado, relacionando-o com o presente e perspectivando o futuro; aprendizagem da necessidade de assumir as próprias escolhas e ter coragem para mudar; aceitação das próprias dificuldades; e reconhecimento da autonomia dos próprios potenciais de mudança. Concluiu-se que: nesse espaço de escuta e fala da pesquisa interventiva, os universitários teceram sentidos que viabilizaram o enfrentamento de suas dificuldades e a construção coletiva de fatores de proteção; a supervisão dos processos foi condição *sine qua non* para que as facilitadoras cuidassem da própria capacidade de cuidar.

Palavras-chave: Sofrimento Psíquico; Ensino Superior; Processos Grupais; Serviço Escola; Pesquisa Fenomenológica.

Abstract: This study exemplifies the use of the Collaborative Hermeneutics method through a research aiming to describe processes involved in intervention groups with undergraduate students in psychic suffering, intending to understand their experiences when participating in these groups; point out crossings involved in processes; and identify possible reaches in the (trans)formation in subjectivation modes of the students. Two groups were facilitated during eight meetings, at a school service, and directed by two psychology students, who were supervised weekly. The collection instrument was the Version of Sense. The results, analyzed from a hermeneutic phenomenological perspective, indicated as Units of Sense: feeling of surprise when facing problems and difficulties in common; reflection on the past, relating it to the present and looking to the future; learning the need to take own choices and have the courage to change; acceptance of own difficulties; and recognizing the autonomy of own change potentials. It was concluded that: in this space for listening and speaking of the interventional research, the students weaved meanings that allowed to cope with their difficulties and the collective construction of protective factors; supervision of processes was a *sine qua non* for facilitators to take care of their own ability to care.

Keywords: Psychic Suffering; Higher Education; Group Processes; School Service; Phenomenological Research.

Resumen: En el artículo se ejemplifica el uso del método de la Hermenéutica Colaborativa por intermedio de investigación que describió objetivamente procesos involucrados en grupos intervencionistas con universitarios en sufrimiento psíquico, buscando comprender sus experiencias al participar de esos grupos; señalar los cruces involucrados en los procesos; identificar posibles alcances en la (tras)formación en modos de subjetivación de los universitarios. Dos grupos fueron facilitados durante ocho encuentros cada uno, tuvieron lugar en un servicio escolar, fueron conducidos por dos estudiantes de psicología, que eran supervisadas semanalmente. El instrumento de recolección fue la Versión de Sentido. Los resultados, analizados en una perspectiva fenomenológica hermenéutica, señalaban como Unidades de Sentido: sentimiento de sorpresa frente a problemas y dificultades en común; reflexión sobre el pasado, relacionándolo con el presente y en perspectiva del futuro; aprendizaje de la necesidad de asumir las decisiones y tener el coraje para cambiar; aceptación de las propias dificultades; y reconocimiento de la autonomía de las potencialidades propias del cambio. Se concluye que: en ese espacio de escucha y habla de la investigación intervencionista, los universitarios tejieron sentidos que viabilizaron el enfrentamiento de sus dificultades y la construcción colectiva de factores de protección; la supervisión de los procesos fue condición *sine qua non* para que las facilitadoras cuidasen de la propia capacidad de cuidar.

Keywords: Psychic Suffering; Higher Education; Group Processes; School Service; Phenomenological Research.

SHIRLEY MACÊDO*
(UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF)

ANA LÍCIA PESSOA NUNES**
(UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF)

MELINA PINHEIRO GOMES DE SOUZA***
(UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF)

* Doutora em Psicologia Clínica, Professora do Programa de Pós Graduação em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido e da Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Endereço Institucional: Centro de Estudos e Práticas em Psicologia - CEPPSI /UNIVASF. Av. José de Sá Manicoba, s/n, Centro, 56304-205 - Petrolina, PE – Brasil. Email: mvm.shirley@gmail.com. Orcid: [0000-0003-1619-2353](https://orcid.org/0000-0003-1619-2353)

** Graduada em Psicologia pela UNIVASF. E-mail: analicia.pessoa@hotmail.com. Orcid: [0000-0002-1107-8431](https://orcid.org/0000-0002-1107-8431)

*** Graduada em Psicologia pela UNIVASF. Email: melinasouza@gmail.com. Orcid: [0000-0003-2254-9443](https://orcid.org/0000-0003-2254-9443)



Introdução

Alguns estudos, a exemplo de Munari, Padilha, Motta e Medeiros (2007), apontam a importância de processos grupais como objeto de estudo para a prática clínica em Psicologia. Sobre o assunto, Nery e Fortunato (2008), ao discorrerem sobre pesquisa interventiva de grupos, propuseram que esse tipo de estudo contém uma multiplicidade de fatores que exigem métodos e técnicas mais próximos da realidade sócio-histórica-cultural estudada. Essas ideias balizam esse artigo, que foi escrito no intuito de demonstrar, a partir de uma pesquisa interventiva com universitários em sofrimento psíquico, o uso o método da hermenêutica colaborativa (Macêdo, 2015) como possibilidade de ação clínica humanista-fenomenológica em Instituições de Ensino Superior (IES), mais especificamente em serviços escola de Psicologia.

Partimos de indicadores científicos que apontam o sofrimento psíquico em universitários como uma questão de saúde pública, a exemplo do que propõem Padovani et al (2014). Há vários estudos denunciativos no mundo e no Brasil (sendo alguns deles o de Auerbach, 2016 e da FONAPRACE, 2014), ou seja, estudos que evidenciam fatores de riscos aos quais esses sujeitos estão expostos, inclusive destacando ansiedade e depressão como as patologias que mais acometem essa comunidade. No entanto, poucos desses estudos são propositivos sobre como se pode viabilizar, nas IES fatores de proteção no sentido de promover saúde e qualidade de vida aos universitários.

Assim, defendemos que precisamos ir além de uma leitura epistemológica que discuta o fenômeno nos dias atuais, para invadir o mundo da vida onde as coisas acontecem e podem acontecer concretamente. E por que precisamos urgentemente pensar em como possibilitar fatores de proteção? Porque jovens, no contexto universitário, podem estar vivendo, como alerta Macêdo (2018), uma insuportabilidade do sofrimento psíquico, muitas vezes, enfrentando um vazio de sentido, possivelmente relacionado a uma errância do cuidado em virtude da cultura da alta performance, da fragilização dos laços sociais e da falência da solidariedade nas academias.

O método da Hermenêutica Colaborativa (Macêdo, 2015) surgiu no bojo da clínica humanista-fenomenológica do trabalho, mas hoje vem se consolidando como método de pesquisa e intervenção, principalmente em ações grupais. Fundamentado em preceitos filosóficos de Merleau-Ponty e na hermenêutica filosófica de Gadamer, respalda-se em alguns conceitos da Psicologia Humanista de Carl Rogers, e propõe a criação de espaços de escuta e fala para que sujeitos que compartilham de uma mesma realidade social possam ressignificá-la, através de uma conscientização relativa das vivências e significados da experiência, do fortalecimento do poder de agir diante das condições sociais em que vivem e da construção conjunta de estratégias de enfrentamento dessa realidade para promoção e manutenção da saúde.

No processo, caberia ao pesquisador realizar uma leitura dos modos de subjetivação diante dos modos de vida e relações estabelecidas no contexto social investigado; compartilhar significados, porque sua condição de vida e de realidade social é a viga mestra do diálogo; escutar sua própria experiência do mundo como um dado da tradição e não se abster dela; considerar que a tradição vai além da empatia; e, contestando verdades junto com os pesquisados, mergulhar no mundo da experiência compartilhada para produzir novos sentidos, para construir, juntamente com eles, estratégias de enfrentamento (Nascimento & Macêdo, 2019; Macêdo, 2015).

A proposta metodológica de Macêdo (2015) sugere-se restrita para um clínico em Psicologia, e não para qualquer profissional, visto a especificidade técnica e ética de um psicólogo para lidar com possíveis mobilizações cognitivas e afetivas de um ou mais sujeitos ao compartilhar suas experiências em contexto de pesquisa interventiva. Com esta prerrogativa, a autora propõe que o percurso se dê em círculo hermenêutico, onde o pesquisador explora junto aos colaboradores o sentido da experiência investigada; avança por um resgate histórico, para possibilitar aos pesquisados apropriação subjetiva de características pessoais passadas que possam viabilizar o enfrentamento de adversidades presentes em suas realidades sociais; e, na continuidade do processo, consiga, com eles, construir projetos de felicidade humana.

O método vem sendo utilizado em ações interventivas em serviços de saúde e em universidades públicas e privadas do Vale do São Francisco (Macêdo, Souza & Lima, 2018; Souza & Macêdo, 2018; Macêdo, 2018; Nascimento & Macêdo, 2019). Dentre essas ações, destaca-se, nesse artigo, aquelas realizadas pelo NuCEU (Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário do Semiárido), que surgiu em 2018 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (Macêdo, 2019). Com uma equipe composta por professores supervisores de estágio, psicólogos e outros profissionais colaboradores e estudantes de Psicologia entre 4º e 10º período, o núcleo vem promovendo palestras, oficinas, acompanhamentos individuais, plantão psicológico, grupos interventivos, inclusive investindo em ações de prevenção e posvenção ao suicídio entre universitários.

Macêdo (2019) alega que o principal impasse que os membros do NuCEU enfrentam é que quem presta os serviços são, também, estudantes, que compartilham da realidade social da vida acadêmica e condições sociais de vida semelhantes a quem recebe os serviços: outros universitários. Sem negar a possibilidade de vulnera-



bilização dos futuros psicólogos, reconhece que essa é uma alternativa potencializadora para a condução dos serviços, principalmente para os grupos interventivos, pois a ação promovida com o uso do método da hermenêutica colaborativa permite que a tradição seja algo a favor da produção conjunta de sentidos (uma tessitura que viabiliza a construção coletiva de fatores de proteção), mas destaca a importância da supervisão semanal, que também deve estar focada na produção de sentidos e no incentivo ao cuidado da capacidade de cuidar por parte dos estudantes de Psicologia.

Tendo isso posto, nas linhas que se seguem, apresentamos uma pesquisa interventiva realizada com o mesmo método no NuCEU. Para tanto, iremos situar o sofrimento psíquico do universitário na contemporaneidade, além de expor estudos e ações realizados por alguns pesquisadores.

Diniz & Aires (2018) destacam que, com as múltiplas modificações que caracterizam a contemporaneidade, a universidade passou a se configurar como um espaço de intenso sofrimento psíquico e possível adoecimento, que atinge a comunidade acadêmica, da qual fazem parte os universitários. Já Graner e Ramos-Cerqueira (2017), Andrade et al (2016), e Padovani et al (2014) atestam a necessidade de uma IES dispor de projetos para que seus universitários possam elaborar modos de enfrentamento de fatores de risco, o que pode amenizar, ou mesmo prevenir, agravamentos à saúde. Esses autores também alertam para a necessidade urgente de IES estarem atentas às demandas e ofertar serviços de acolhimento que auxiliem esses sujeitos no enfrentamento e na transformação em seus modos de subjetivação (sentir, pensar e agir).

No presente estudo, entretanto, defendemos que uma maneira de viabilizar um espaço dessa ordem é o próprio modo de fazer pesquisa de maneira interventiva, pois é um tipo de produção de conhecimento que, ao mesmo tempo em que se identificam fatores de risco, buscam-se promover melhorias para os sujeitos envolvidos.

Um espaço no qual se podem realizar pesquisas neste sentido é o serviço escola de Psicologia. Nele, um dos desafios enfrentados ultimamente é o aumento da demanda por usuários universitários de diversos cursos e instituições, que não conseguem elaborar estratégias de enfrentamento, muitas vezes, perdendo o sentido da vida diante das pressões contemporâneas. Essa comunidade tem sido afetada por transtornos mentais (Cambricoli & Toledo, 2017). O comportamento suicida vem sendo estudado em população jovem universitária, seja a tendência, a ideação ou mesmo a tentativa ou a efetividade do suicídio e, enquanto as IES começam a repensar essa questão, docentes e demais trabalhadores dessas instituições não sabem como lidar com o fenômeno.

Talvez, o que Bauman (2007) nomeou de “tempos líquidos” (cujas características são a insegurança, vínculos frágeis, competitividade, medo, vazio, enfraquecimento da colaboração e incerteza) possa estar na base da constituição da cultura da *altaperformance*, internalizada como valor em todas as instituições nas quais o sujeito contemporâneo está inserido. Autores como Padovani et al (2014), Andrade et al (2016), Graner & Ramos Cerqueira (2017) comprovaram a vulnerabilidade de universitários de variados cursos e reconheceram a necessidade do debate científico em torno do tema e de propostas interventivas no âmbito das IES do Brasil, como forma de fortalecer os fatores de proteção.

Interessante apontar alguns projetos inovadores que vêm sendo empreendidos internacionalmente (por exemplo, os desenvolvidos em Portugal pela RESAPES-AP, 2010) e no Brasil, na Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo; na Universidade de Brasília (UnB), no Distrito Federal; e na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), em Pernambuco.

Em 2010, na cidade de Aveiro, Portugal, houve um evento promovido pela RESAPS – AP (Rede dos Serviços de Apoio Psicológico no Ensino Superior – Associação Profissional), entidade que reconhece a necessidade do apoio psicológico se inserir na estrutura organizacional das IES do país. De lá para cá, nas novas versões do evento, a associação vem destacando, dentre outros, a importância de uma visão interdisciplinar nas investigações sobre os sistemas de apoio focados em problemas pessoais dos alunos e o suporte social como fator de proteção nas academias.

No Brasil, no âmbito da pesquisa de caráter interventivo, Oliveira e Ciampone (2008), por meio de grupo operativo, tentaram operacionalizar direcionamentos e estratégias para melhorar a qualidade de vida de estudantes do curso de Enfermagem da PUC/SP. Inicialmente, entrevistaram esses estudantes para nortear os temas disparadores de cinco encontros de grupo focal na segunda fase do estudo. Constataram que a universidade era um espaço de vivências promotoras e não promotoras de qualidade de vida dos alunos, e alertaram a professores e alunos sistematizarem encontros para discutir a construção individual e coletiva de estratégias de enfrentamento. Muitos desses estudantes atribuíram como significativos na sua qualidade de vida: padrões de interação familiar, expectativas profissionais, identidade (no que concerne à autoestima e auto-percepção de competências). Os pesquisadores consideraram que os momentos de grupo foram potencializadores à qualidade de vida daqueles estudantes e defenderam que as IES devem pensar uma reforma curricular que envolva estratégias de aprendizagem compartilhada, vivências de minimização de estresse, experiências coletivas de sensibilização quanto às relações estabelecidas com colegas, professores e equipes de profissionais das IES, destacando, também, a necessidade de um espaço para intervenção junto aos docentes para que esses auxiliem a expressão de afetos por parte dos estudantes.

Na UnB, a preocupação com a saúde mental dos universitários levou Osse e Costa (2011) a mapear as condições psicossociais e a qualidade de vida de estudantes que residiam na moradia estudantil. Usando ques-



tionários auto-aplicáveis sobre a situação socio-demográfica, eventos de vida, uso de álcool e drogas e comportamento suicida, os autores constataram que aqueles sujeitos que dependiam de recursos institucionais, em fases iniciais de curso, a maioria vinda de outros estados, apresentavam ansiedade, depressão e dificuldades para pedir a ajuda. Como forma de solução de problemas relacionados à adaptação à vida acadêmica, os sujeitos recorriam a álcool e outras drogas. Atentaram que os programas assistenciais existentes na universidade não davam conta das demandas, sugerindo ações emergenciais para ampliar programas já existentes e a criação de novos serviços para garantir a permanência do universitário até o final do curso com melhor qualidade de vida. De lá para cá a instituição vem investindo nesses espaços, em programa integrado para toda comunidade acadêmica (conhecer programa no site institucional referido acima).

Já na UNIVASF, Macêdo (2018; 2019) criou um projeto de extensão de cuidado ao estudante universitário, no qual diversos grupos interventivos com universitários vêm ocorrendo. Esse projeto de extensão, portanto, foi o pano de fundo que motivou o presente estudo. Partimos dos seguintes questionamentos: como se dariam experiências de universitários ao participarem de grupos interventivos? Quais atravessamentos estão envolvidos nesses processos? Quais possíveis alcances desses grupos na (trans)formação em modos de subjetivação de universitários?

Acreditamos, portanto, no potencial de uma pesquisa intervenção para responder a esses questionamentos, por que consideramos que reflexões vivenciadas em processos grupais em um contexto acadêmico podem ser um potente fator de proteção.

Objetivos

O objetivo geral da pesquisa foi descrever processos envolvidos em grupos interventivos com universitários em sofrimento psíquico num serviço escola de Psicologia. Especificamente, tentou-se compreender experiências desses universitários ao participarem dos grupos, apontar atravessamentos envolvidos nos processos e identificar possíveis alcances dos grupos na (trans) formação em modos de subjetivação dos universitários.

Método

Focando significados e sentidos da experiência humana para pessoas que a vivenciam, optamos pela pesquisa fenomenológica, na qual, no ato intersubjetivo de investigar, estão envolvidas as subjetividades do pesquisador e dos colaboradores. Consideramos que a pesquisa fenomenológica colaborativa articula prática clínica e de pesquisa, o que já foi discutido por autores como Halling & Rowe (1997), Finlay (2009) e Macêdo (2015).

Especificamente, o método utilizado no presente estudo foi a *Hermenêutica Colaborativa* (Macêdo, 2015), que dá ênfase à intersubjetividade e ao diálogo. Nele, o pesquisador promove uma ação intersubjetiva criativa de compartilhamento e ressignificação de experiências entre os colaboradores, que, encarnados que estão no mundo pela intercorporeidade, engajam-se no diálogo e, através de um jogo de perguntas e respostas produzem novos sentidos para suas experiências (Souza & Macêdo, 2018).

A condução do presente estudo, atendendo aos preceitos éticos das Resoluções CNS 466/2012 e 510/2016, ocorreu concomitantemente à realização de grupos interventivos com universitários usuários de um serviço escola pernambucano, facilitados por estudantes de Psicologia. Tivemos o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC 2018-2019) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e a pesquisa foi registrada pelo CAEE Nº 88562318.2.0000.5196 e aprovada pelo parecer Nº 2.759.228, datado de 06/07/2018, pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição. A pesquisa envolveu dois estudos: um sobre o processo vivido pelos estudantes de Psicologia em supervisão e o vivido pelos universitários usuários (o que está sendo o foco desse artigo).

Incluimos no estudo usuários do serviço escola em questão, independente de dados sociodemográficos, que tinham em comum serem universitários que enfrentavam sofrimento psíquico, estarem disponíveis a participar voluntariamente da pesquisa e que não se submetiam, à época, a qualquer outro tipo de intervenção psicológica. Foram excluídos aqueles que tivessem vínculo social de qualquer ordem com os estudantes de Psicologia e faltassem a mais de 25% das sessões de grupo interventivo.

A equipe de pesquisa apresentou, em reunião do serviço escola, a proposta aos supervisores e supervisionandos e, após o consentimento dos mesmos, a bolsista se inseriu também como membro facilitador das intervenções, formando dupla com estagiários e/ou estudantes extensionistas, se integrando nas supervisões desses grupos, realizadas por uma docente e uma psicóloga, durante duas horas semanais. Após a formação dos grupos, os colaboradores, universitários usuários do serviço escola, foram convidados a participar da pesquisa no primeiro encontro de cada grupo. Os encontros ocorreram em salas previamente agendadas e o processo grupal só foi iniciado e registrado como material de pesquisa após os colaboradores aceitarem participar de forma voluntária, confirmando essa condição através da assinatura em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O Primeiro grupo foi, inicialmente, composto por quatro universitárias usuárias, entretanto findou apenas com duas, pois dois outros foram excluídos da pesquisa por terem faltado a mais de 25% dos encontros. O grupo foi conduzido pela bolsista e uma estagiária. O processo durou oito encontros, de duas horas cada, uma vez por semana, sendo o último encontro um momento de devolutiva individual. O segundo grupo teve parti-



cipação inicial de 12 universitários (duas mulheres e dez homens), nas mesmas condições que o primeiro, porém findou com seis participantes (duas mulheres e quatro homens), devido, também, a faltas excedentes.

O instrumento utilizado foi a Versão de Sentido (VS), que consiste, segundo seu autor (Amatuzzi, 1991, 1993, 1996, 2008), em um relato breve e escrito, que expressa a experiência vivida pelo sujeito, logo após um encontro. Nesse sentido, solicitou-se aos colaboradores que expressassem, individualmente, ao final de cada encontro, o que lhe fora mais significativo. Esse material foi base para os encontros seguintes, se configurando como elemento disparador para suscitar o compartilhamento de experiências, promovendo ressignificações em modos de subjetivação. As VS's foram analisadas pela equipe de pesquisa nos seguintes passos (Amatuzzi, 2009; Macêdo, 2015):

- a) Leitura integral da VS por cada autor no encontro seguinte ao da produção da VS; b) Compreensão dos elementos significativos da experiência do diálogo no grupo, com confirmação do autor da VS;
- c) Presentificação do sentido da VS, momento onde o grupo (facilitadores e colaboradores) buscou consenso sobre o sentido experienciado por cada um, autenticado pelo autor da VS;
- d) Síntese dos processos individuais em formato textual realizada pela equipe de pesquisa e enviada aos colaboradores para confirmação, negação ou ajuste. Ao se enviar por e-mail a análise parcial ao colaborador da pesquisa, deu-se ao mesmo um prazo de uma semana para que avaliasse a análise de seu processo. No primeiro grupo, as colaboradoras responderam e confirmaram a análise feita do seu próprio processo; já no segundo grupo, nenhum dos colaboradores respondeu no prazo solicitado, o que não invalidou a análise realizada;
- e) Por fim, foi realizada uma síntese/análise final, buscando apreender o que houve de comum entre os processos dos dois grupos, através da identificação de Unidades de Sentido (US) pela equipe de pesquisa, visando responder aos objetivos do estudo.

Resultados e Discussão

O processo de análise inicial pela equipe de pesquisa se deu de forma diferente nos dois grupos. No primeiro, em virtude das colaboradoras estarem focadas em questões individuais, o texto da devolutiva foi produzido separadamente de acordo com o processo vivido por cada uma delas, mesmo que estivessem vivenciando os mesmos encontros grupais. Já no segundo, pela implicação coletiva que houve e pela reverberação das pontuações de cada colaborador no processo dos outros, a análise construída foi referente a momentos vivenciados coletivamente, numa síntese do que foi significativamente compartilhado, na ótica da equipe de pesquisa, pelos colaboradores daquele grupo, sendo enviado um mesmo texto de devolutiva para todas as pessoas que o compunham.

No decorrer das análises finais realizadas, pudemos compreender que os grupos (G1 e G2) experimentaram um processo de maturação. Diante disso, utilizamos pseudônimos referentes a tipos de queijos, pois, o que diferencia cada queijo é seu processo de maturação, sabor, textura e características próprias, a depender do tempo e do modo como são preparados. Nesse sentido, no processo grupal, foi possível percebermos que cada colaborador, metaforicamente, também esteve em um processo de maturação, mas que, devido às próprias características, experienciaram sabores e dissabores singulares e em tempos distintos nos processos grupais. Assim, nomeamos os colaboradores de Maasdam, Brie, Gouda, Cablanca, Camembert, Roquefort, Gruyère e Edam.

A partir das análises realizadas, compreendemos que, apesar da temática inicial se referir ao âmbito acadêmico, sendo o critério de inclusão no grupo ser universitário, o processo vivido por todos os colaboradores demonstrou que as questões mobilizadoras não perpassavam necessariamente pela vida universitária, pois outras questões mais proeminentes estavam relacionadas com as experiências compartilhadas, sendo todas elas essenciais para a compreensão, pela equipe de pesquisa, das US das VS's estudadas. Visando aportar nos objetivos pretendidos, portanto, destacaremos as US's em negrito nas linhas que se seguem.

Inicialmente, compreendemos que os colaboradores tiveram um **Sentimento de surpresa diante de problemas e dificuldades em comum**. Ao longo dos encontros, com as atividades propostas, que os auxiliavam a visitarem o passado, e com o compartilhamento de experiências, refletiram e se surpreenderam ao perceberem como o passado estava relacionado com o momento que viviam à época do grupo. No próprio processo de compartilhar as dificuldades, tomaram consciência de que todos as enfrentavam e que, por vezes, remetiam à própria vivência deles no momento ou com algo que já vivenciaram. Reconheceram, assim, a necessidade de mudarem de perspectiva, como mostram as VS's a seguir:

Vi que todos têm problemas e dificuldades, não só eu. Assim, fico atento em dar mais atenção ao outro (Roquefort, G.2).



Quanto uma mudança de perspectiva pode alterar totalmente o sentido de nossas vidas (Camembert, G.2)!

Penso que é exatamente o que precisa fazer-me virar de ponta-cabeça e enxergar minha realidade e meus problemas com uma nova perspectiva (Cablanca, G.2).

Ao entrarem nesse processo de reverem necessidade de mudança de perspectivas, conceberam que isso fazia com que os sentidos das suas vidas também fossem alterados, passando a olhar a própria realidade e os problemas pessoais de outro modo, compreendendo melhor qual o lugar deles no mundo. Essas reflexões puderam ser materializadas através do compartilhamento com outras pessoas, por meio de uma compreensão sobre o que se passava na cabeça de cada uma, o que os auxiliou a serem mais críticos e perceberem as próprias características. Isto pode ser concebido como um processo de dar-se conta de si através do discurso do outro, tal como afirmam Macêdo, Souza e Lima (2018), ou mesmo Rogers (1970), ao teorizar sobre grupos de encontro. Temos, como exemplo, a VS de Cablanca (G2):

Provavelmente, o mais significativo para mim está na interpretação [feita por outros participantes] de características pessoais que nunca haviam passado em minha cabeça.

A partir dessas compreensões apreendidas, outra US compreendida foi **Reflexão sobre o passado, relacionando-o com o presente e perspectivando o futuro**. Entrelaçando com o que descrevemos anteriormente, na medida em que os encontros iam acontecendo, os colaboradores passaram a ter visões diferentes do que pensavam sobre si mesmos ao refletirem sobre o presente, suas características pessoais, seu lugar atual, chegando, inclusive a se incomodarem por estarem na condição que estavam. Ao pensarem sobre isso também anteciparam o futuro, refletindo sobre o que viria, com novas perspectivas e soluções de mudança, como podemos ver na VS de Brie (G2) – “[...] A questão de mudança nas prioridades falou comigo. Há a necessidade antiga já de revê-los” –; de Roquefort (G2) – “Sinto-me perdido. Não sei se devo viver o presente ou se é hora de estabelecer metas para o futuro” –, e de Gouda (G.1) – “pude lembrar do meu passado, como uma lembrança construtiva que foi se desenvolvendo aos poucos e que hoje eu me sinto muito mais segura da pessoa que sou”.

Vale, aqui, lembrar o proposto por Gondim (2003) para uma pesquisa qualitativa envolvendo grupos. Compreendendo que grupos focais são adequados na abordagem ideográfica e hermenêutica em pesquisa qualitativa, a autora salientou que esta abordagem dá conta da experiência humana e que o pesquisador, nesse contexto, promove uma ação emancipatória, base para a transformação social de pessoas inseridas em determinado contexto social. Não realizamos grupo focal, e sim grupo interventivo, mas foi perceptível as mudanças em modos de sentir, pensar e agir dos universitários colaboradores dessa pesquisa, que, paulatinamente, foram favorecendo um processo de transformação dos mesmos.

Contudo, para que essas soluções e concepções de mudanças ocorressem, foi necessário que houvesse **aprendizagem da necessidade de assumir as próprias escolhas e ter coragem para mudar**. Para isso, conversaram sobre a prerrogativa de mudança de atitude, já que reconheceram estar presos a velhos hábitos, o que levou a fazerem uma série de questionamentos: “o aqui e o agora é o que eu tenho, o que eu estou fazendo com ele?” (Camembert, G2); “se eu sei o que eu quero, o que me impede de chegar lá?” (Edam, G2); “porque não tenho vontade de ir logo?” (Brie, G2); “o que devo fazer para me encontrar?” (Roquefort, G2). Referiram que refletir sobre essas questões junto com outras pessoas é melhor, traz o sentimento de pertencimento.

O encontro mostrou que outras pessoas, de outros cursos e até outras cidades, podem nos remeter a coisas que já vivenciei, vivencio, e poder conviver e aconselhar das possibilidades que nós devemos nos permitir para, assim, refletirmos sobre o momento ou situação que estamos passando (Gruyère, G.2).

Sinto o grupo mais à vontade em se abrir e compartilhar sentimentos (Brie, G.2).

Recentemente, resultados semelhantes foram obtidos por Diniz e Aires (2018), ao investigarem um grupo de escuta com finalidade operativa com seis estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O grupo visava falar e refletir sobre o cotidiano da vida acadêmica. As pesquisadoras avaliaram como os estudantes se sentiam mais a vontade para expressar e problematizar suas questões com outros universitários, e caracterizaram essa alternativa como uma rede de suporte afetivo e social mútuo e uma possibilidade de aplicação de práticas de cuidado no serviço escola de Psicologia de uma universidade.

No que diz respeito à pesquisa que realizamos, embora estivessem envolvidos num processo de questionamento, os universitários reconheceram que se encontravam no caminho certo e que precisavam se cuidar antes de assumir responsabilidades, continuando a dar pequenos passos com o intuito de aproveitar as oportunidades, como pode ser percebido na VS de Maasdam (G1): *Eu tenho dificuldade em apontar qual é o meu problema [...] Eu tenho que continuar a dar os meus pequenos passos e aproveitar as oportunidades*. Como, também, na de Roquefort (G2): *percebo que nas últimas semanas pude sentir o processo de autonomia tendo início. Hoje, amarrando definitivamente esta percepção, me sinto confiante e inspirado a prosseguir nesse caminho de mudança que acabou de começar*.

Portanto, foi necessário que houvesse **aceitação das próprias dificuldades**, para que os colaboradores



conseguissem nomear e expor os incômodos no grupo, expressar problemas que enfrentavam e reconhecer que essas dificuldades ainda influenciavam no modo de funcionamento deles. Gruyère (G.2) escreveu em uma de suas VS's: "o que eu espero do processo a partir de agora é aceitar melhor as minhas dificuldades e potenciais". E Brie (G.2): "Dificuldades aparecem, mas [é preciso] manter em mente como chegar e ter perseverança".

Essas VS's podem indicar que estava ocorrendo com esses colaboradores aquilo que Rogers (1961) propunha como fases de um processo de mudança terapêutica, mesmo que não se tratasse de psicoterapia: mudanças na percepção de si e das próprias contradições. Após isso, houve, então, **reconhecimento da autonomia dos próprios potenciais de mudanças**. Perceberam e compreenderam o processo de autonomia que possuíam sobre a própria vida, sentindo incômodo ao estarem cientes disso. Contudo, apesar de entenderem que seus problemas eram de sua responsabilidade, reconheceram a passividade e a necessidade de aprender a confiar em si mesmos e a se posicionarem sem receio de julgamento, revendo as próprias prioridades, o que pode ser exemplificado com as VS's de Edam (G2) e Camembert (G2):

Pude ver o como é importante aprender a confiar em mim mesmo. Aprender a me posicionar sem receio de julgamento (Edam).

Saio satisfeita em perceber a minha autonomia sobre a minha vida. Mas me incomoda um pouco saber a minha autonomia sobre os meus problemas, pois assim eles passam a ser minha responsabilidade e é preciso coragem para poder mudá-los (Camembert).

Diniz e Aires (2018), em estudo referido acima, destacam a necessidade do universitário desenvolver autonomia para encarar as responsabilidades acadêmicas, administração do tempo e da vida pessoal, referindo estudos que mostram a importância das técnicas de grupo para auxiliar esses estudantes na resolução de seus conflitos e na vivência angustiante do contexto acadêmico. Enfatizaram, lembrando Pereira (2013) e Nascimento e Galindo (2017), a importância de grupos operativos, pois, "ao serem utilizados no campo da educação, promovem mudanças na percepção dos participantes em relação aos seus problemas, colaborando para uma construção coletiva e ativa das soluções" (p.64)., Respalando-se em Pichon/Rivière (2009), complementam defendendo que essas intervenções implicam a aprendizagem de novos modos de existir, sendo as mesmas de cunho terapêutico.

Diante dos resultados da nossa pesquisa, arriscamos dizer que talvez isso seja consequência de uma metodologia interventiva com resultados terapêuticos, pois, pelas VS's acima, pudemos perceber um processo de mudança em modos de subjetivação, ou seja, o processo grupal vivido na pesquisa foi um processo clínico de mudanças para os colaboradores. Essa afirmação pode ser demonstrada nas VS's de Roquefort e Cablanca no último encontro do grupo 2:

Este último encontro me ajudou a notar a real e efetiva mudança que o grupo indiretamente provocou na minha vida. (Roquefort).

Hoje um ciclo se fecha aqui para que um novo ciclo continue a se desenvolver em minha vida. Antes aqui, estive em dias péssimos e com todos os pilares da minha vida frágeis. Agora, estou conseguindo me enxergar como alguém que se olha de fora e ter mais paciência comigo. Estou voltando a ser a Cablanca determinada e cheia de garra de antes. Estou orgulhosa disso, mas sei que ainda posso melhorar (Cablanca).

Convém, aqui, referir a potência que tem um grupo para que essas mudanças sejam possíveis. Munari, Padilha, Motta e Medeiros (2007) destacaram que a dimensão psicológica dos grupos estaria baseada numa tríade: estrutura psicossocial, processo de comunicação e conteúdo. Propuseram que as forças grupais podem funcionar como agentes terapêuticos primários, pois, independente de se tratar de uma psicoterapia, alguns fatores terapêuticos devem sempre estar presentes em um processo grupal. Mas isso só ocorrerá se houver um clima capaz de promover interação emocional livre e espontânea, sendo significativo para isso definir o papel do facilitador e dos membros do grupo, o tipo de relação a ser desenvolvida, assim como a tarefa a ser executada.

Acreditamos que o enquadre da pesquisa interventiva, pactuado num TCLE que primava pelo respeito, o sigilo e a disponibilidade de cada membro, assim como a capacitação recebida pelas facilitadoras a partir de uma metodologia humanista-fenomenológica de acolhimento, escuta e cuidado; podem ter contribuído para a potência terapêutica desses grupos. As estudantes de Psicologia facilitadoras eram constantemente orientadas em supervisão para que suas escutas estivessem pautadas em condições necessárias, como consideração positiva incondicional e autenticidade (Rogers, 1961) assim como a favorecerem um contexto dialógico de conversação para que todos se disponibilizassem numa dimensão intersubjetiva (Merleau-Ponty, 1971) para argumentar e contraargumentar (Gadamer, 1995/2009).

Ao final do processo, os colaboradores reconheceram que era preciso dar voltas para atingir os objetivos, novamente se perguntando quais eram as próprias metas, apreendendo que sem foco o caminho não é interessante, pois qualquer saída pode satisfazer. Apesar de se sentirem perdidos e receosos ao trilharem novos caminhos, relataram necessidade de ficarem atentos ao desconhecido, pois no processo de crescimento existem



inúmeras possibilidades de evolução e que, aos poucos, pode-se aprender novas possibilidades de crescer, como afirmam abaixo:

Eu saio, dos encontros, feliz. Percebo que nessas semanas de reflexão houve mudanças e que agora preciso colocar as coisas em prática, virar hábitos, e eu estou animada para começar (Maasdam, G1).

Foi muito bom, pois foi um momento para refletir e saber que na vida temos várias possibilidades de evoluir e saber que existe vários processos, e que aos poucos vamos nos desenvolvendo e crescendo com novos aprendizados (Gouda, G1).

No processo, a supervisão semanal dos estudantes de Psicologia e dos bolsistas PIBIC foi essencial para condução dos dois grupos interventivos. Mesmo que o processo vivido pelos facilitadores seja foco de outro estudo, vale a pena destacar aqui como os atravessamentos estiveram presentes durante todo o percurso.

Essa questão aponta para os estudos que Peres, Santos e Coelho (2003 e 2004) realizaram ao pesquisar sobre o Programa de Pronto Atendimento Psicológico para Alunos (PPAPA) da UNESP, em Assis/SP, um programa gratuito, voltado exclusivamente à comunidade interna da instituição. Em 2003, caracterizaram brevemente o serviço ofertado e teceram algumas considerações sobre as modalidades de atendimentos e estratégias de intervenção empregadas, problematizando, ao final, o manejo de questões éticas e técnicas. Explicitaram que o serviço era prestado por alunos do 4º e 5º anos do curso de Psicologia e supervisionados, grupal ou individualmente, por uma psicóloga contratada pelo serviço escola. Os estudantes de Psicologia se revezavam em dois plantões diários de três horas, acolhendo universitários que agendavam os atendimentos ou chegavam com demandas urgentes requerendo pronto atendimento. As principais demandas eram ansiedade, estresse, pressão acadêmica, problemas de relacionamento e dificuldades circunstanciais de adaptação, que os autores apontaram como sofrimento psíquico “leve”, que os faziam a não se implicarem com tais questões ou recorrer a um serviço psicoterapêutico, querendo apenas “desabafar”, mas não deixaram de apontar demandas mais graves como comportamento suicida e uso abusivo de álcool e outras drogas.

Vale, aqui, salientar que esse estudo foi publicado há mais de 15 anos, e, na atualidade, conforme a nossa experiência no NuCEU, acolhemos muitos universitários em intenso sofrimento psíquico, muitas vezes sendo narrados a partir das queixas acima descritas. Parece-nos, portanto, que as causas do sofrimento aparentemente são as mesmas e que talvez o que muda é como o sujeito lida com esse sofrimento, experienciando uma insuportabilidade do mesmo (Macêdo, 2018). -

Nos grupos interventivos da presente pesquisa, no entanto, foi percebido uma mobilização subjetiva dos universitários para buscar ajuda, assim, reconhecemos o espaço NuCEU como uma possibilidade a mais no processo de ressignificação do sofrimento, restaurador da saúde e preventivo do adoecimento psíquico.

Inclusive, no que se refere à prevenção, vale salientar como as atividades grupais são significativas no processo de adaptação à universidade. No caso dos colaboradores da presente pesquisa, identificamos como aqueles que estavam em início de curso e em processo de adaptação à cidade e/ou à instituição reconheciam como os grupos eram favorecedores de adaptação às novas pessoas e relações. Vejamos, como exemplo, VS's de Gouda (56 anos) e Maasdam (21 anos), as quais puderam trocar experiências de vida pessoal e de vida acadêmica:

Hoje foi muito bom, no nosso encontro pude externar a minha dificuldade, pois é no momento que esses problemas que estão me afetando um pouco. Espero encontrar o caminho e as possibilidades mais corretas para poder superar esse incômodo, para que eu possa agir com mais liberdade de expressão (Gouda, G1).

Hoje eu saio com dois pensamentos que se complementam. O primeiro é o sobre querer ser a rosa “completa” em equilíbrio com seus espinhos, porém se sentir mais como a folha solta, sozinha, sem seu apoio. E o segundo de ser a pipa que estou me afastando demais das pessoas na intenção de “me proteger”, sendo que talvez o problema não seja o outro. E isso me leva a ser a flor sozinha (Maasdam, G1).

Peres, Santos e Coelho (2003), em estudo já referendado, salientaram um problema recorrente de sofrimento por distância de casa e de pessoas queridas no processo de ingresso à vida acadêmica, o *homesickness*, enfatizando que há muitas questões individuais e de história de vida que afetam esse processo. Ressaltaram que o PPAPA ofertava as modalidades de grupo e oficina de convivência, que nos pareceu uma importante intervenção para a questão da adaptação.

O *homesickness* é um estado de angústia vivenciado por aqueles que deixaram sua casa e se encontram em um ambiente novo e desconhecido. Ao realizar pesquisa sobre o tema, relacionando-o à depressão e insatisfação no processo de transição do ensino médio para a universidade, Terry, Leary e Mehta (2012) defenderam que, embora a maioria dos universitários se ajuste bem à universidade, uma alta proporção deles experiencia dificuldades que, se não resolvidas, podem levar ao *homesickness* (saudade de casa), à conseqüente depressão, insatisfação para comparecer às aulas, baixa concentração e desmotivação para continuar o curso, o que pode prejudicar o desempenho acadêmico.



Para Thurber e Walton (2012), a transição para universidade pode ser uma experiência nova e excitante para muitos jovens, no entanto, pode ser uma experiência muito difícil ou mesmo insustentável devido à saudade intensa de casa, fazendo alguns universitários narrarem depressão ou ansiedade. Assim, esse sofrimento intenso pode exacerbar transtornos de humor e ansiedade preexistentes, precipitando novos problemas de saúde mental e física. Os autores, portanto, apontaram programas interventivos como estratégias de prevenção e tratamento para o fenômeno, programas que podem resultar numa experiência universitária saudável, gratificante e produtiva.

Retornando a Peres, Santos e Coelho e o PPAPA/UNESPE, em publicação de 2004, os autores, ao traçar o perfil sociodemográfico e clínico dos usuários, constataram que como espaço de escuta e acolhimento, o programa oferecia “uma possibilidade de ventilação de sentimentos e angústias” (p.48), mas destacaram que a maioria deles era estudante de Psicologia, requerendo uma atenção redobrada dos estagiários que prestavam serviço, no que concerne a questões éticas e técnicas. Para isso, os coordenadores tinham três cuidados especiais: o estagiário não deveria ter contato social anterior com o usuário; o sigilo e a supervisão (para evitar que a identificação entre estagiário e usuário prejudicasse os atendimentos). Na pesquisa que realizamos estes foram cuidados pensados desde o início: a condição de relacionamento social de qualquer ordem dos estudantes com os usuários como critério de exclusão; o sigilo enquanto aspecto ético de pesquisa e prática em Psicologia; e a supervisão como condição essencial para o desenvolvimento de uma pesquisa interventiva em Psicologia.

A supervisão em serviços escola de Psicologia é um importante pilar que sustenta a formação de futuros psicólogos, e uma de suas características fundamentais é contemplar aspectos concernentes a processos de aprendizagem e terapêuticos (Oliveira et al, 2014). O papel de *holding* do supervisor (Sei & Paiva, 2011), como aquele que apoia, incentiva, baliza a atitude clínica do estagiário e acolhe seus receios e angústias (Aguirre et al, 2000), no sentido de ajudar a identificar a demanda, diferenciar-se do cliente e atuar profissionalmente, foi uma condição *sine qua non* na condução desta pesquisa, visto que ajudou aos estudantes de Psicologia sustentarem os conflitos na condução de processos cujos sujeitos vivenciavam realidades sociais semelhantes demais às suas. Além disso, a VS, para além de um instrumento de pesquisa e formação (como propôs Amatuzzi, 1991, 1993, 1996, 2008), como instrumento de supervisão, usado largamente por praticantes de abordagens humanistas e fenomenológicas em Psicologia (Vieira, Bezerra, Pinheiro e Branco, 2018; Boris, 2008), também se mostrou crucial no presente estudo diante dos processos vividos no contexto metodológico da Hermenêutica Colaborativa.

Considerações Finais

Os universitários colaboradores dessa pesquisa indicaram sofrimento psíquico diante de fatores de risco como história de vida pregressa à academia, além de relações intra e interpessoais mantidas a partir do ingresso no contexto universitário. Ao terem disponível um contexto de escuta e fala com outros universitários, inicialmente sentiram-se surpresos por compartilharem problemas e dificuldades em comum, mas, no decorrer do processo grupal, ao refletirem sobre o passado, relacionando-o com o presente e perspectivando o futuro, aprenderam sobre a necessidade de assumir as próprias escolhas e ter coragem para mudar, aceitando as próprias dificuldades e reconhecendo a autonomia dos próprios potenciais de mudanças.

Diante desses resultados, concluímos, principalmente, a importância do caráter interventivo dessa pesquisa para os (as) colaboradores (as) envolvidos (as), pois puderam, nesse espaço de escuta e fala, além de compartilhar experiências, cuidar de suas capacidades de construir possibilidades de enfrentamento de suas dificuldades e do processo de mudança diante da vivência como universitários (as).

Para as estudantes de Psicologia facilitadoras dos grupos, a realização da pesquisa foi fonte de aprendizagem por imergirem tanto em processo interventivo, quanto em processo de supervisão. Essa oportunidade possibilitou o desenvolvimento da escuta clínica, antes mesmo de adentrarem o estágio obrigatório; aprendizagem acerca da condução de grupos; e o desenvolvimento da capacidade de análise crítica acerca da própria prática. Foi possível reconhecer o outro membro da dupla de facilitadoras como uma fonte de aprendizado, além de, nos espaços de supervisão, reconhecer os outros estudantes de Psicologia como suporte em meio à trajetória de tornar-se profissional.

Um dos limites da nossa pesquisa foi a falta de dados sociodemográficos dos universitários que recorriam aos serviços do NuCEU, pois a única condição considerada até essa pesquisa ser concluída era que o (a) usuário (a) fosse universitário (a). Dados como, por exemplo, idade (apenas tivemos acesso a de alguns), cidade de origem, trabalhar fora ou não, curso realizado, ser a primeira graduação ou não, estado civil, ter filhos ou não etc, talvez tivessem facilitado, sobretudo, o aprofundamento de algumas leituras das demandas/sofrimentos enfrentados pelos (as) colaboradores (as), assim como ajudado a balizar e/ou comparar esse estudo com outros que já vêm sendo realizados no Brasil e no mundo.

Apesar de seus limites, contudo, os resultados desse estudo poderão colaborar com a universidade onde ele foi realizado, o curso de Psicologia e o serviço escola em questão, no sentido de refletir sobre a importância de adotar ações preventivas durante a vida universitária do estudante; poder cumprir o preposto pelo Programa Nacional de Assistência Estudantil; criar redes de apoio ao universitário; e ampliar possibilidades de capacitação ao estudante de Psicologia, visando seu futuro ingresso no mercado de trabalho da profissão.



Para estudos futuros, sugerimos que sejam realizadas pesquisas com uma quantidade maior de grupos e que busquem compreender, junto a colaboradores universitários que tenham participado de grupos inter-ventivos, o alcance das experiências nesses grupos para as suas vidas, identificando, nitidamente, os fatores de proteção desenvolvidos.

Referências

- Aguirre, A.M.B., Herzberg, E., Pinto, E.B., Becker, E., Carmo, H.M.S., & Santiago, M.D.E. (2000). A formação da atitude clínica no estagiário de Psicologia. *Psicologia USP*, 11(1), 49-62. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000100004>
- Amatuzzi, M.M. (1991). O sentido-que-faz-sentido: uma pesquisa fenomenológica do processo terapêutico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 7(1): 1-12.
- Amatuzzi, M.M. (1993). Etapas do processo terapêutico: um estudo exploratório. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(1): 1-21.
- Amatuzzi, M.M. (1996). O uso da versão de sentido na formação e pesquisa em psicologia. In *Coletâneas da ANPEPP*, (pp.11-24). Brasília: ANPEPP. Recuperado em 25, março, 2020, de: <https://www.anpepp.org.br/acervo/Colets/v1n09a01.pdf>.
- Amatuzzi, M.M. (2008). *Por uma psicologia humana*. Campinas, SP: Alínea.
- Amatuzzi, M.M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 26(1), 93-100. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>
- Andrade A. S.; Tiraboschi G. A., Antunes N. A., Viana P. V. B. A., Zanoto P. A., & Curilla R. T. (2016). Vivências de graduandos em Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36 (4), 831-846. <http://doi.org/10.1590/1982-3703004142015>
- Auerbach, R.P. et al (2016). Mental disorders among college students in the World Health Organization World Mental Health Surveys. *Psychological Medicine*, 46: 2955–2970. Recuperado em 05, fevereiro, 2019 de: <https://www.apa.org/pubs/journals/releases/abn-abn0000362.pdf>.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Boris, G. (2008). Versões de sentido: um instrumento fenomenológico-existencial para a supervisão de psicoterapeutas iniciantes. *Psicologia Clínica*, 20 (1), 165-180. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100011>.
- Cambricoli, F., & Toledo, L.F. (2017). Aumento de transtornos mentais entre jovens preocupa universidades. *O Estado de São Paulo*, 16 Setembro 2017. Recuperado em 18 de abril de 2018, de <http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,aumento-de-transtornos-mentais-entre-jovens-preocupa-universidades,70002003562>
- CNS/CONEP (2012). Resolução N. 466, de 12 de dezembro de 2012. Recuperado em 17 de abril de 2017, de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466.pdf>
- CNS/CONEP (2016). Resolução N.510, de 07 de abril de 2016. Recuperado em 24 de abril de 2018, de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, 14(3), 27-34. <https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300004>
- Diniz, N.F.P.S., & Aires, S. (2018). Grupo de escuta e reflexão com estudantes universitários. *Revista do NESME*, 15(1), 61-75. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902018000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Finlay, L. (2009). Ambiguous encounters: a relational approach to phenomenological research. *Indo-Pacific Journal of Phenomenology*, 9(1), 1-17. <https://doi.org/10.1080/20797222.2009.11433983>.



- FONAPRACE (2014). *IV Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras*. Uberlândia: Forum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis/ANDIFES. Disponível em: http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduanso-das-IFES_2014.pdf.
- Gadamer, H-G. (1995). *Hermenêutica em retrospectiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- Gondim, S.M.G. (2003). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, 12(24), 1449-1461. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300004>
- Graner, K. M. & Cerqueira, A. T. A. R. (2019). Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(4), 1327-1346. Epub May 02. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>
- Halling, S., & Rowe, J. (1997). Placing dialogue at the hearth of research. Trabalho apresentado na *Conference on Qualitative Research in Education*, University of Geórgia, Athens, GA.
- Holanda, A.F. (2014). Por uma clínica fenomenológica do sofrimento: o sofrer é do sofrente e do existente. Em I.I. Costa (org.). *Sufrimento humano, crise psíquica e cuidado: dimensões do sofrimento e do cuidado humano na contemporaneidade*, (pp. 115-153), Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Macêdo, S. (2015). *Clínica humanista-fenomenológica do trabalho*. A construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho. Curitiba: Juruá.
- Macêdo, S. (2018). Sofrimento Psíquico e Cuidado Com Universitários: Reflexões e intervenções fenomenológicas. *ECOS: Estudos Contemporâneos em Subjetividade*, 8 (2): 265-277. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844>
- Macêdo, S. (2019). Hermenêutica Colaborativa: ação humanista-fenomenológica em grupos interventivos com universitários em sofrimento psíquico [Resumo]. In *Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia & Psicologia; IV Congresso Brasileiro de Psicologia & Fenomenologia*. Curitiba, PR. (p. 11). Disponível em: <http://labfeno.com.br/eventos/nossos-eventos/346-2/>
- Macêdo, S., Souza, G.W., & Lima, M.B.A. (2018). Oficina de desenvolvimento da escuta: prática clínica na formação em psicologia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(2): 123-133. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.1>.
- Merleau-Ponty, M (1971). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.
- Munari, D.B., Padilha, G.C., Motta, K.A.M., & Medeiros, M. (2007). Contribuições ara a abordagem da dimensão psicológica dos grupos. *Revista de Enfermagem UERJ*, 15(1), 107-112. Disponível em: <https://issuu.com/sobrapgo/docs/sobrapartigoabordagem/2>
- Nascimento, C., & Macêdo, S. (2019). A crise do sentido e a saúde mental no mundo contemporâneo do trabalho: proposições fenomenológicas. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 8(1), 95-112. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/237>
- Nery, M.P. & Fortunato, L.C. (2008). A pesquisa em psicologia clínica: do indivíduo ao grupo. *Estudo de Psicologia*, Campinas, 25(2), 241-250. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000200009>
- Oliveira, M.S., Pereira, R.F., Peixoto, A.C.A., Rocha, M.M., Oliveira-Monteiro, N.R., Macedo, M.M.K, & Silveiras, E.f.M. (2014). Supervisão em serviços escola de Psicologia no Brasil: perspectivas dos supervisores e estagiários. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, 45(2), e1-e9. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2014.2.15417>
- Oliveira, R.A., & Ciampone, M.H.T. (2008). Qualidade de vida de estudantes de enfermagem: a construção de um processo e intervenções. *Rev. Esc. Enferm USP*, 42(1), 57-65. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342008000100008>
- Osse, C. M.C., & Costa, I.I. (2011). Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 28(1), 115-122. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000100012>



- Padovani, R. C., Neufeld, C. B., Maltoni, J., Barbosa, L. N. F., Souza, W. F., Cavalcanti, H. A. F., & Lameu, J. N. (2014). Vulnerabilidade e bem-estar psicológico do estudante universitário. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10(1), 02-10. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20140002>
- Peres, R.S., Santos, M.A., & Coelho, H.M.B. (2003). Atendimento psicológico a estudantes universitários: considerações acerca de uma experiência em clínica-escola. *Estudos de Psicologia, PUC-Campinas*, 20(3), 47-57. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2003000300004>
- Peres, R.S., Santos, M.A., Coelho, H.M.B. (2004). Perfil da clientela de um programa de pronto-atendimento psicológico a estudantes universitários. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 9(1), 47-54. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000100007>
- Rogers, C. R. (1961). *Tornar-se pessoa* (M. J. do C. Ferreira, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Rogers, C.R. (1970). *Grupos de encontro* (J.L.Proença, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Sei, M.B., & Paiva, M.L.S.C. (2011). Grupo de supervisão em Psicologia e a função de *holding* do supervisor. *Psicologia: Ensino & Formação*, 2(1), 9-19. Recuperado em 04 de agosto de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612011000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Souza, G.W., & Macêdo, S. (2018). Grupo interventivo com genitores (as) de crianças vítimas de violência sexual. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(3): 265-274. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n3.1>.
- Terry, M.L., Leary, M.R., & Mehta, S. (2012) Self-compassion as a Buffer against Homesickness, Depression, and Dissatisfaction in the Transition to College. *Self and Identity*, 12(3), 278-290. <https://doi.org/10.1080/15298868.2012.667913>
- Thurber, C.A., & Walton, E.A. (2012). Homesickness and adjustment in university students. *Journal of American College Health*, 60(5), 415-9: <https://doi.org/10.1080/07448481.2012.673520>
- Vieira, E.M., Bezerra, E.N., Pinheiro, F.P. H.A., & Branco, P.C.C. (2018). Versão de sentido na supervisão clínica centrada na pessoa: alteridade, presença e relação terapêutica. *Revista Psicologia e Saúde*, 10(1), 63-76. <https://dx.doi.org/10.20435/pssa.v9i1.375>

Recebido em 27.10.2019 – Primeira Decisão Editorial em 24.03.2020 – A